

O PAPEL DO ADULTO EM SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

Ana Maria Falsarella

RESUMO - Este texto pretende trazer elementos para reflexão, a partir da perspectiva psicanalítica, sobre a influência das imagens parentais na aprendizagem de crianças em situação escolar. Destaca a importância das primeiras relações constituídas com os adultos significativos e que servem para a formação da matriz de identidade infantil.

UNITERMOS: Imagens parentais; aprendizagem; adultos significativos; matriz de identidade.

Para a criança, o ato de aprender, seja em casa, seja na escola, sempre pressupõe uma relação com outra pessoa: aquela que ensina. Como destaca Assis¹, "o papel do adulto em uma situação de aprendizagem é fundamental porque ele é o intermediário entre a criança e o objeto do conhecimento". Desta forma, caso a relação com o adulto seja positiva, é mais provável que a criança receba bem o que parte dele. Caso seja negativa, provavelmente haverá, por parte da criança, desconfiança ou mesmo rejeição com relação ao que lhe é oferecido.

Na escola, aprender a utilizar símbolos gráficos, como os da escrita e os da matemática, significa tomar conhecimento de instrumentos que pertencem ao domínio adulto. Apropriar-se destes instrumentos significa adentrar neste universo, identificar-se com ele, dominar seus códigos, enfim, adquirir algo do mundo adulto.

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA

O papel dos pais, ou dos adultos que cuidam da criança, é essencial, dado que estes são ao mesmo tempo os primeiros modelos e os

primeiros parceiros na formação da subjetividade infantil. A influência dos pais sobre a criança caracteriza-se por uma gama de fatores que atuam concomitantemente: seu comportamento, seu grau de compreensão e empatia, seus sentimentos conscientes e também suas reações espontâneas e inconscientes. Dificuldades afetivas dos pais e suas reações irrefletidas têm tanta importância quanto o seu comportamento e os seus sentimentos conscientes. Inúmeras perturbações na vida emocional da criança são provenientes de reações inconscientes do pai ou da mãe. Não raras vezes os pais influenciam os filhos menos por suas qualidades e esforços conscientes do que por seus defeitos e fraquezas não conscientes.

Pais que temem perder a própria juventude ou que, por algum motivo, fixam-se em sua própria infância, da qual não conseguem libertar-se plenamente, podem, sem ter uma percepção clara disso, contribuir para bloquear a evolução da criança e sua libertação de comportamentos infantis. Pelo contrário, estimulam a criança a "não crescer", a também fixar-se em sua condição infantil.

Outros pais podem, também inconscientemente, ser hostis ao próprio filho. É o caso da mãe que sonhava com uma menina ao invés de um menino; da mãe de um garoto que não aceita sua condição feminina e permanece hostil

Ana Maria Falsarella - Professora do curso de Pedagogia da UNIBAN -Universidade Bandeirante de São Paulo; Professora convidada do curso de Psicopedagogia da FICS - Faculdades Integradas Campos Salles; Doutoranda no Programa de Estudos Pós-graduados em Educação, História, Política e Sociedade, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Correspondência

Rua Antonio José de Souza, 45 - Lapa - São Paulo - SP
- Cep 05120-040 - anamariafal@uol.com.br

ao mundo masculino; do pai que, temendo perder o afeto do filho, o mantém sob sua dependência afetiva, temeroso de sua emancipação.

Na verdade, ao nascer, a criança desperta nos pais não apenas reações positivas. Ela reativa também conflitos e dificuldades afetivas que eles próprios enfrentaram durante sua infância. É comum vermos pais punindo nos filhos tendências que rejeitam em si próprios. Ou então, passando recados contraditórios. Como destaca Bourdieu², muitas vezes o pai passa ao filho uma mensagem ambígua. Não deseja que o filho identifique-se com sua própria posição e, ao mesmo tempo, trabalha continuamente para produzi-la por meio de seu comportamento e da linguagem inconsciente de seu corpo. Ao mesmo tempo que diz "faça como eu", diz também "seja diferente".

Certamente toda criança passará por dificuldades afetivas durante sua infância, dificuldades que são manifestadas através de reações intempestivas de cólera ou birra, uso eventual de mentiras ou resistência a cumprir suas tarefas. Na maior parte das vezes, são episódios passageiros facilmente superados. Aprender a enfrentá-los faz parte da evolução psicológica do ser humano. Se acontecerem freqüentemente, no entanto, podem ser a ponta de um iceberg, isto é, representar o aspecto visível de um conflito afetivo mais profundo. São sintomas que sinalizam um pedido de ajuda. Além do mais, desde o início de sua vida, a criança é portadora de todos os impulsos que animam o ser humano: agressividade, ciúmes, egoísmo e tantos outros. Maior razão para inquietação deverá haver se observarmos na criança falta de vitalidade e de reação às situações adversas e ansiogênicas. Refiro-me àquela criança passiva, "que não dá trabalho", permanecendo em silêncio na escola sem interagir com os colegas e os professores.

Por muito tempo a família foi considerada como portadora de valores inquestionáveis. Hoje sabemos que, se o amor dos pais transmite valores à geração que educam, pode também ser um peso à sensibilidade infantil. É fácil confundir respeito com abuso de poder ou com autoritarismo paralisante, afeição com dominação ou com chantagem, moral com submissão. Um pai autoritário, que humilha seu filho, pode bloquear sua iniciativa ou, pelo contrário, provocar sua rebeldia. Muitos pais, ao invés de prepararem a criança para a autonomia, acabam por aprisioná-

la em seu amor egoísta, provocando um acúmulo de angústias e sofrimentos desnecessários, e abrindo a porta a futuras adaptações. Podemos dizer sem perigo de errar que exemplos surtem mais efeitos que ameaças. Para que a criança tenha uma evolução sadia é muito importante um clima doméstico, qualquer que seja o tipo de constituição familiar, favorável à espontaneidade, mas que apresente limites e parâmetros nos quais ela possa se pautar. Pelo contrário, um clima familiar que exerce uma pressão tirânica ou incessante sem dar folga para a criança respirar, ou, um clima displicente de "deixar totalmente à vontade" em uma linha de permissividade incoerente e sem limites, só pode ser prejudicial ao desenvolvimento infantil.

A IMPORTÂNCIA DAS IMAGOS PARENTAIS

Caso a criança tenha uma imagem positiva do adulto, certamente tentará imitá-lo. Ao contrário, se a imagem for negativa, será menos provável que queira assemelhar-se a ele. De acordo com Assis¹, com relação às imagens do adulto, é mais apropriado falarmos em imagos, "*pois se tratam de representações internas, mentais, que carregam um conjunto de significados: não são retratos, mas idéias e sentimentos relacionados aos adultos – especialmente os pais – com quem a criança convive*".

Essas imagos parentais, construídas ao longo do desenvolvimento infantil, dependem tanto de fatores constitucionais do próprio sujeito, quanto de características dos adultos que fazem parte de seu ambiente. Como lembra Macedo³, a família constitui a matriz de identidade sobre a qual, paulatinamente, a criança construirá sua personalidade.

Dentre os aspectos constitucionais, pode-se destacar o equilíbrio entre inveja e gratidão. Inveja, para Melanie Klein (apud Assis¹), tem um significado diferente do comumente utilizado. Os processos invejosos, provenientes da pulsão de morte, são intensamente destrutivos e pretendem danificar o objeto alvo da inveja. Portanto, uma criança que tenha uma relação predominantemente invejosa com o adulto tenderá a destruir ou diminuir suas qualidades. Na mente da criança, os adultos ficarão "danificados" e serão introjetados como frágeis, impotentes, incapazes de protegê-la, formando-se, assim, imagos parentais negativas.

Em contraposição, se prevalecer o sentido de gratidão, proveniente da pulsão de vida, a criança buscará, em seu inconsciente, ressaltar os aspectos positivos dos adultos que lhes são significativos. Serão introjetadas, então, figuras de adultos fortes, potentes, protetores, constituindo-se imagens parentais positivas.

Klein acreditava, conforme destaca Souza⁴, que *"ao possibilitar uma educação menos repressiva à criança, esta teria mais condições de exercer, na sua plenitude, suas capacidades intelectuais"*.

Dentre os fatores relativos ao ambiente que contribuem para a formação das imagens parentais, pode-se destacar as atitudes reais que os pais e outros adultos importantes têm para com a criança. Adultos predominantemente carinhosos, protetores, provedores, compreensivos, firmes nas regras, contribuem para a formação de imagens positivas, ao passo que adultos predominantemente frios, negligentes, violentos, inseguros, inconstantes, contribuem para a formação de imagens negativas.

O desempenho da criança na escola será influenciado pelas imagens parentais por ela construídas. Uma imagem parental positiva oferece sustentação, isto é, prepara-a para lidar com desafios e situações adversas, fornece-lhe um arsenal de recursos internos que são instrumentos que lhe possibilitam enfrentar situações inesperadas. É como se tivesse dentro de si um porto seguro onde ancorar em meio às tempestades. Na escola, confiança e segurança tornam a criança mais produtiva e mais criativa para enfrentar as exigências escolares de relacionar-se com a instituição, com os colegas e os professores e com a aprendizagem. Já, a criança com uma imagem parental negativa sente-se desamparada, insegura, sem autoconfiança, impotente, enfim, sem recursos internos para enfrentar situações novas. As exigências da escola serão motivo de tal ansiedade que dificultarão seu desempenho. Sem confiança no adulto, sente-se à deriva, não saberá a quem recorrer para ajudá-la em suas dificuldades.

RELAÇÃO DA CRIANÇA COM O PROFESSOR: PROCESSOS INCONSCIENTES

Face ao que foi apresentado até aqui, percebemos o quanto as imagens parentais

influenciam diretamente o comportamento da criança na escola, seja através de um objeto bom ou mau estabelecido em seu ego, seja através do fenômeno transferencial na relação que ela estabelece com o professor. Quando portadora de um ego fragilizado, a criança tem dificuldade em dedicar-se à aprendizagem, pois toda sua energia está direcionada a resolver os conflitos de sua vida interior, alerta Tinoco⁵. Já, a criança com um desenvolvimento adequado do ego, isto é, com um objeto bom fortemente estabelecido, apresentará integração, coerência, força, estará livre para dedicar-se à construção de sua aprendizagem.

Sempre é bom lembrar àqueles que lidam com a formação da consciência infantil quão tênues são os limites da ação pedagógica, uma vez que o aluno transfere para seus professores os sentimentos carinhosos ou agressivos que desenvolveu na relação primordial com seus pais e outros adultos significativos. Ou seja, o fenômeno psíquico a que Freud chamou de transferência não existe apenas no contexto analítico, mas interfere também na relação pedagógica que se estabelece entre professor e aluno.

Mas, afinal, o que são transferências? Segundo Freud (apud Kupfer⁶), *"são reedições dos impulsos e fantasias despertadas e tornadas conscientes durante o desenvolvimento da análise e que trazem como singularidade característica a substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico"*. Em outras palavras, *"toda uma série de acontecimentos psíquicos ganha vida novamente, agora não mais como passado, mas como relação atual com a pessoa do médico"*.

Assim, tendo por base a teoria freudiana, a transferência das relações primordiais com adultos significativos para a relação com o professor é inevitável e pode facilitar ou não a aprendizagem escolar. Na sua relação com o professor, a criança faz a projeção de sua relação com seus pais: revive, tanto objetos e sentimentos internos bons, quanto conflitos e dificuldades relacionais que causam ansiedade. Ao conceituar o fenômeno da transferência, Freud mostrou que o passado está sempre presente nas relações interpessoais, ou seja, as relações atuais são baseadas em padrões de relacionamento modelados durante a história de vida das pessoas. No contexto escolar, a criança transfere padrões

de relacionamento vivenciados em sua história familiar com os pais e com os irmãos para o professor e para os colegas.

Em resumo: através do fenômeno transfereencial, as imagens parentais influenciam diretamente a relação da criança com o professor. Assim, a criança com uma imagem parental positiva pode estabelecer uma relação amigável e confiável com o professor, com a formação de vínculos afetivos que favorecem seu desempenho escolar. Ao contrário, a criança com uma imagem parental negativa estabelecerá com o professor uma relação de desconfiança, temor, competição e inveja, relação que bloqueia seu crescimento e seu aproveitamento na escola.

Logicamente o assunto não se esgota aqui. O professor, com sua personalidade e sua história

de vida, também influencia a construção da imagem de adulto – positiva ou negativa – pela criança. A instituição escolar, por sua vez, pode facilitar o ajustamento e a aprendizagem da criança, se tiver flexibilidade nas suas exigências. Ou dificultar, caso não o faça. Como bem analisa Bourdieu, "*confinada em uma visão meritocrática que a prepara mal para perceber e enfrentar a diversidade das estratégias mentais dos alunos, a instituição escolar provoca, muitas vezes, traumatismos propícios a reativarem os traumatismos iniciais: os julgamentos negativos que afetam a imagem de si encontram reforço, sem dúvida, muito variável em sua força e forma, junto aos pais, que redobra o sofrimento e coloca a criança ou o adolescente diante da alternativa de se submeter ou sair do jogo (...)*".

SUMMARY

The role of adults in learning situations

This article aims to provide elements for reflection, from the psychoanalytic stand point, towards the influence of the parental images on the learning of children in school. It highlights the importance of the first relationships built with the meaningful adults and that serve for the formation of the childhood identity matrix.

KEY WORDS: Parental images; learning; meaningful adults; identity matrix.

REFERÊNCIAS

1. Assis, Maria Bernadete AC. Aspectos afetivos do desempenho escolar: alguns processos inconscientes. *Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia*, 1990, 20:35-48, p.42.
2. Bourdieu, P. *Escritos de educação*. Nogueira, M.A, Catani, A (orgs). Petrópolis: Vozes, 2002, p.233-234.
3. Macedo, RM. A família diante das necessidades escolares de seus filhos. In: Oliveira, Vera B. de e Bossa, N. A. (orgs). *Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos*. Petrópolis: Vozes, 1994, 183-206, p.187.
4. Souza, AL. de. *Pensando a inibição intelectual*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, p.29
5. Tinoco, DH. *Distúrbios afetivo-emocionais e sua interferência na aprendizagem escolar: uma visão psicanalítica*. [Dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1990, p.25.
6. Kupfer, MC. *Freud e a educação*. São Paulo: Scipione, 1995, p.88.

Trabalho realizado no Programa de Estudos Pós-graduados em Educação, História, Política e Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

*Artigo recebido em 08/01/2003
Aprovado em 14/02/2003*